

filosofia

ciência&vida

PENSAMENTO

O encontro das filosofias ocidental e oriental por meio do diálogo



RENATO JANINE RIBEIRO

Professor reflete sobre importantes aspectos político-partidários

ANO X N° 132 - www.portalespacodosaber.com.br

IDEIAS

Ainda é possível definir posicionamentos como sendo de esquerda ou direita?

CONTRAPONTO

Filósofo contemporâneo: vida intelectual versus vida pessoal

A constituição de uma sociedade habituada a fiscalizar e regular a ação moral de cada indivíduo

VIDAS VIGIADAS



EDIÇÃO 132 - PREÇO R\$ 12,90



REFLEXÃO E PRÁTICA: Gênero e orientação sexual sob a luz da pedagogia



Caminhos do prazer

O tópicO "Sensorial e Abstrato" da filosofia clínica como ferramenta diária para o trabalho

Um traço marcante da natureza humana é a busca pelo prazer. Sendo assim, uma dieta de pão e água pode ser apreciada da mesma maneira que os mais requintados pratos. Para o filósofo grego do período helenístico Epicuro ou Epicuro de Samos (341 a.C. a 271 a.C.), cuja doutrina muitas vezes foi confundida com o edonismo, o prazer aqui deve ser entendido como a quietude da mente, o prazer sábio.

Para localizar seu pensamento no tempo e no espaço, na época de Epicuro (310 a.C.) o que havia na Grécia era Atenas num dos lados do Mar Egeu, ensinando filosofia, e, do outro, Alexandria, às margens do Mediterrâneo, praticando a medicina. As duas culturas viviam harmoniosamente, pois os filósofos eram tidos como os médicos das paixões.

Epicuro almejava provar que não havia nada após a morte. Ele dizia que os deuses até podiam existir, mas que eles não estavam preocupados com o nosso cotidiano. Se Deus era o Todo-Poderoso, por que iria se preocupar com simples mortais? – Questionava o filósofo.

Com base em sua crença, Epicuro aconselhava as pessoas a curtir a vida e a ter prazer. Ele ensinava que, se não existe nada após a morte, não havia motivo para a ansiedade proveniente das competições. A partir daí, era só viver as coisas boas da vida. Só que aqui há que se destacar um ponto muito importante, uma vez que Epicuro se referia ao prazer como o prazer sábio. É como beber um

copo-d'água quando se está com sede e, quando estiver com sede e beber água, beber somente a quantidade que lhe satisfizer. O sábio consegue enxergar o excesso como algo que pode prejudicá-lo. O prazer pode ser lambe a tampa do potinho e não, necessariamente, empanturrar-se de iogurte.

Isso me lembra meus filhos, quando eram pequenos e brigavam para lambe as tampinhas de iogurte. A mãe, porém, as jogava fora, antes de perceberem, por medo de que cortassem a língua no laminado. "Me dá arrepio, não permito!" – Dizia ela. Enquanto para os garotos era puro prazer, para a mãe, medo.

NOSSO MUNDO

Metaforicamente, podemos trazer o epicurismo e sua teoria sobre a ansiedade para as organizações nos dias de hoje. Daí, surgem questionamentos, tais como: quais são os seus deuses? A comida, a bebida? A busca pela riqueza ou a falta de perspectiva de crescimento na empresa em que você trabalha? O que deixa você ansioso? O que você elege de tão importante que passa a ser o seu deus a ponto causar ansiedade? Você tem alguns quilinhos a mais?

Se você conseguir perceber que esses deuses não estão nem aí para você, que não estão assim tão preocupados com você, a sua ansiedade diminuirá – acreditava Epicuro.

Prazer, para o filósofo, não é o mesmo que saber parar. É saber até que ponto temos prazer. É como chupar uma



BETO COLOMBO É FILÓSOFO CLÍNICO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM EMMANUEL LÉVINAS PELA UNIVERSIDADE HEBRAICA DE JERUSALÉM (ISRAEL), SÓCIO-FUNDADOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA CLÍNICA DO SUL DE SANTA CATARINA, PROFESSOR TITULAR DE FILOSOFIA CLÍNICA NAS ORGANIZAÇÕES E COORDENADOR DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA CLÍNICA NA UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE (UNESC). É ADMINISTRADOR DE EMPRESAS, COM ESPECIALIZAÇÃO PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV), FUNDADOR E ATUAL PRESIDENTE DO CONSELHO DA ANJO QUÍMICA DO BRASIL S.A., TEÓLOGO LEIGO, ESCRITOR, MEMBRO DA ACADEMIA CRICIUMENSE DE LETRAS. PUBLICOU COMPOSTELA PASSO A PASSO; O VELHO BAH; MUITO ALÉM DO LUCRO; COMPOSTELA: MUITO ALÉM DO CAMINHO DE SANTIAGO, EM COAUTORIA COM M'HANOEL MENDES; E DESPERTANDO A EXCELÊNCIA.



ALGUMAS PESSOAS SÃO MAIS SENSORIAIS E OUTRAS MAIS ABSTRATAS; NÃO EXISTE PESSOA QUE SEJA UMA SÓ COISA. CADA UM É MAIS SENSORIAL OU MAIS ABSTRATO

jabuticaba e nunca chupar o amargo da fruta. Somos tão educados na sensibilidade que sentimos o néctar até o ponto certo do doce antes de chegar ao amargo.

Essa sabedoria epicurista talvez explique o resultado de uma pesquisa feita em uma empresa que enfrentava significativa evasão de funcionários. Questionados sobre as razões que os estariam levando a buscar um novo emprego, responderam que haviam deixado de ter prazer em trabalhar naquela organização. Então, é possível afirmar que a falta de perspectivas e de um plano de carreira afetava as sensações dos empregados.

Didaticamente, em Filosofia Clínica, sensações e abstrações são coisas diferentes: separa-se o que se sente daquilo que se pensa. Essa distinção entre o sentir e o pensar foi feita por Platão (1972, p. 317), para quem “é pelo corpo, por meio da sensação, que estamos em relação com o devir; mas pela alma, por meio do pensamento, é que estamos em comunhão com o ser verdadeiro, o qual, dizeis vós, é sempre idêntico a si mesmo e imutável, enquanto o devir varia a cada instante”. Ou seja, Platão quer dizer que as sensações são a relação com o mundo em movimento. Para ele, essa relação sensorial nos leva ao engano, enquanto pelo pensamento se encontra a verdade, pois é através dele que se tem acesso ao imutável.

A partir de Platão, a filosofia começou a considerar as sensações separadas das abstrações, e isso foi atualizado por outros filósofos, inclusive por René Descartes (2001, p. 58): “Por isso, reconheci que eu era uma substância, cuja única essência ou natureza é pensar, e que, para existir, não necessita de nenhum lugar nem depende de coisa alguma material”. Esse pensamento leva à divisão entre pensar e existir, na qual Descartes justifica a existência da matéria, comprovando a existência de Deus.

A Filosofia Clínica aplica esses conceitos na sua teoria, o que possibilita ao filósofo investigar a relação entre sensações e abstrações na história de vida do partilhante: Algumas pessoas são mais sensoriais e outras mais abstratas; não existe pessoa que seja uma só coisa. Cada um é mais sensorial ou mais abstrato. Há ainda os que possuem uma quebra entre as sensações e abstrações; ou seja, os dados das sensações não afetam as abstrações e vice-versa. Um exemplo de como isso acontece é quando a pessoa está muito cansada ou com dor de cabeça e ainda assim consegue pensar muito bem. O contrário é quando alguém está com os pensamentos bagunçados, com muitos compromissos, e ainda assim está se sentindo bem fisicamente.

Quando existe uma relação de dependência entre as sensações e as abstrações, o que acontece em um provoca interferência direta no outro. Exemplo disso é o diretor de uma empresa que, passando por momentos difíceis no trabalho, é acometido de doenças psicossomáticas como enxaqueca e gastrite. O contrário também acontece, quando uma forte dor de cabeça afeta a sua produtividade, por exemplo.

PENSAR E AGIR

A identificação do tópico “Sensorial e Abstrato” e a sua relevância na EP (Estrutura de Pensamento) indicam caminhos possíveis diante do corpo e das ideias da organização. Quando os dados indicarem ideias, pensamentos, sonhos, interpreta-se como vivências das abstrações. Quando forem palavras que denotam experiências ligadas aos cinco sentidos, pode-se dizer que se está diante do sensorial. Aiub (2000, p. 20) explica que “sensorial é tudo aquilo que estiver diretamente ligado aos sentidos, e abstrato, tudo o que estiver ligado indiretamente aos sentidos”.

Locke (1999, p. 58) cita a relação entre sensorial e abstrato, que é diferente em cada indivíduo, e observa que “os objetos externos suprem a mente com as ideias das qualidades sensíveis, que são todas

as diferentes percepções produzidas em nós, e a mente supre o entendimento com ideias através de suas próprias operações”.

Algumas empresas vivem com base nas sensações, enquanto outras se apoiam nas abstrações. Uma organização pode ter uma vida muito boa nas ideias, mas sensorialmente estar muito mal. É o caso da fábrica cujo financeiro pode estar bem, mas o prédio tem goteiras e infiltrações, por exemplo. Se a abstração foi

separada da sensação, provavelmente o mau estado do corpo em nada afeta o pensamento. Mas, em muitos casos, um pode inviabilizar o outro.

“Sensorial e Abstrato” pode ser tanto um tópico determinante como um tópico fraco. Quando é fraco, as pressões exercidas sobre a EP podem direcionar para dois caminhos. O primeiro leva a pessoa em direção às ideias complexas. O segundo, em direção às sensações. Ou seja, ou a

pessoa “sai do ar” ou tem, como consequência, doenças físicas. Quando o tópico for determinante, a pessoa será conduzida por suas sensações ou pensamentos.

Para trabalhar este tópico, há o submodo “Em Direção às Sensações”. Um caso corriqueiro em que o indivíduo é levado em direção a sensações, sem se dar conta, é quando está muito nervoso e agitado, ao passar por uma situação difícil, e toma água com açúcar. Enquanto bebe a água, alguém ao



DIDATICAMENTE, EM
FILOSOFIA CLÍNICA,
SENSAÇÕES E ABSTRAÇÕES
SÃO COISAS DIFERENTES:
SEPARA-SE O QUE SE SENTE
DAQUILO QUE SE PENSA



...É PRECISO QUE O FILÓSOFO E O ADMINISTRADOR ESTUDEM E DEFINAM O MELHOR CAMINHO, PARA QUE POSSA GUIAR AS PESSOAS DE UMA FORMA A SER PRODUTIVA PARA A ORGANIZAÇÃO

Quando se quer que uma empresa viva sua corporeidade e volte a viver o corpo, é preciso definir, a partir da historicidade, o que é o corpo – uma vez que cada um vivencia o corpo de maneira diferente. Nas organizações, por exemplo, a corporeidade pode estar no parque fabril. Neste caso, para viver as sensações, é preciso levar em consideração o maquinário, a estrutura física do processo produtivo. Há casos em que o escritório, a parte das ideias, está em ordem e tudo flui bem. Mas, na área fabril, está tudo obsoleto.

Vivenciar o próprio corpo é uma forma de mostrar aos líderes da própria organização o que faz parte ou não de si como

corporeidade, perceber até onde quer ir e assim poder tomar decisões mais acertadas.

Diante disso, é importante e recomendável utilizar o submodo “Em Direção às Sensações”, principalmente em pessoas ou organizações que foram para as ideias e estão muito distantes do corpo. Quando começarem o processo de retorno, precisarão de ajustes, pois, ao voltar a vivenciar o corpo novamente, muitas sensações estarão diferentes. Como em todos os casos na Filosofia Clínica, o retorno à corporeidade deve respeitar a especificidade de cada organização para que seja produtivo.

Agora, falando em abstrato, onde você está? É uma pergunta que pode ser respondida facilmen-

te, pois basta saber onde o corpo está e dizer isso de forma rápida e precisa. Mas quando se pergunta: onde está seu pensamento? Onde estão suas ideias? A resposta quase sempre é diferente da que é dada à pergunta que se refere ao corpo.

O corpo e o pensamento realizam deslocamentos. Levam-nos a lugares diferentes ou comuns ao nosso dia a dia. Por isso, há pessoas que tiram férias, vão à praia e não conseguem sentir a brisa do mar, curtir o sol e as coisas boas que a vida ao ar livre proporciona. Isso porque continuam com os mesmos pensamentos de todos os dias, não conseguem mudar e não convivem em pensamento com o que está ali, onde o corpo se encontra – o corpo se deslocou, mas o pensa-

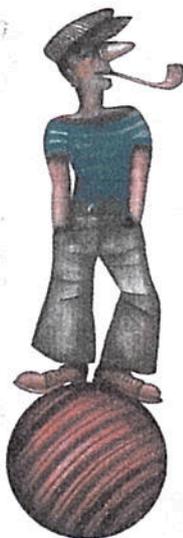


IMAGEM: SHUTTERSTOCK, .INC



ALGUMAS EMPRESAS VIVEM COM BASE NAS SENSACIONES, ENQUANTO OUTRAS SE APOIAM NAS ABSTRAÇÕES

mento continua no mesmo lugar. Quando isso acontece, a pessoa volta de férias e tem a sensação de que não tirou férias realmente, não conseguiu descansar. Para estar em um lugar, se realmente gosta do lugar, tem que começar pelo corpo, sentindo o que o local proporciona. Na beira-mar, por exemplo, pode começar pelo mar, o sol, a areia, as pessoas, depois o barulho das ondas, dos passa-

ros, dos sons ao redor. Tem ainda o cheiro do protetor solar, da pele e, assim, vai evoluindo, conforme consegue estar no lugar com cada situação que começa a encarar. Ao se desviar, recomeça e tenta novamente. Corpo e mente têm velocidades diferentes, para cada pessoa há uma sintonia, mas é preciso ter um certo equilíbrio para não perder o que a vida proporciona.

Como submodo, existe o “Em Direção às Ideias Complexas”, que em muitas organizações remete aos colaboradores que têm facilidade em começar a pensar um assunto e, a partir dali, derivar para outro e seguir derivando para diversos temas. É a capacidade de ir para as ideias e lá ficar derivando. Packter (apud Nunes, Pedrosa, 2000, p. 29), afirma que “na Filosofia Clínica, ideias complexas seguem a indicação de Hume e Locke, referindo-se a imagens mentais que se seguem a alguma vivência relacionada aos sentidos e/ou que sejam simultâneas a estas”. Em clínica, entabular tal submodo significa “derivar as ideias antecedentes, de modo adaptado à singularidade da pessoa, novas ideias, subsequentes e consequentes, que darão uma diretriz de resolução à pessoa – tão satisfatória quanto for possível”, diz Packter (apud Nunes, Pedrosa, 2000, p. 29).

COTIDIANO

Viver as sensações no ambiente de uma empresa não é fácil, porque, em geral, os que ali trabalham vivem nas ideias a maior parte do tempo. Claro que há os que vivem as sensações, mas pouco em relação ao tempo destinado às ideias. Em Filosofia Clínica, Hume (2009, p. 25) explica as

ideias como “as pálidas imagens dessas impressas no pensamento e no raciocínio, como, por exemplo, todas as percepções despertadas pelo presente discurso, excetuando-se apenas as que derivam da visão e do tato, e excetuando-se igualmente o prazer ou desprazer imediatos que esse mesmo discurso possa vir a ocasionar”. Vale lembrar que, em Filosofia Clínica, os conceitos são mais ou menos abstratos, na medida em que participam em maior ou menor escala das sensações.

Para abandonar as sensações e seguir para as ideias de modo seguro, é preciso que o filósofo e o administrador estudem e definam o melhor caminho, para que possa guiar as pessoas de uma forma a ser produtiva para a organização. Em cada caso estudado, podem seguir caminhos já existentes ou podem ser criados outros pelo filósofo, dando oportunidade de trilhar novos caminhos em direção a ideias complexas e, assim, chegar onde deseja. *Ítalo*

REFERÊNCIAS

- AIUB, Mônica. *Sensorial e Abstrato: como avaliá-lo em Filosofia Clínica*. São Paulo: APAFIC, 2000, 71 p.
- COLOMBO, Beto; SEFSTROM, Rosemiro. *A alma da empresa: Filosofia Clínica nas organizações*. Florianópolis: Dois Por Quatro, 2016, 340 p.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 102 p.
- HUME, David. *Tratado da natureza humana*. 2. ed. São Paulo: Editora Paraula, 2009, 759 p.
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, 319 p.
- NUNES, Rochele; PEDROSA, Rosemary. *Dicionário da Filosofia Clínica*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000, 83 p.
- PLATÃO. *Diálogos: O Banquete, Fédon, Sofista, Político*. São Paulo: Abril Cultural, 1972, 269 p.